

POLARIZAÇÃO POLÍTICA, (DES)INFORMAÇÃO E NARRATIVAS ANTI-IMIGRAÇÃO EM PLATAFORMAS DIGITAIS¹

Lucas Arantes Zanetti | Denise Cogo | Júlia Faria Camargo

INTRODUÇÃO

Nas democracias contemporâneas, a questão da migração tornou-se um eixo central de disputa política e simbólica na esfera pública. Nos Estados Unidos, o populismo de direita posicionou a imigração ao centro da agenda, articulando ressentimentos de grupos majoritariamente brancos diante de reestruturações econômicas, mudanças culturais e transições demográficas, repertório explorado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ao articular nativismo² e racismo ao seu repertório político (Campani et al., 2022). Na Europa, apesar das evidências robustas sobre as contribuições econômicas e demográficas da migração, o deslocamento político recente privilegiou diretrizes de contenção e dissuasão impulsionadas por imperativos populistas (Abubakar et al., 2024). Essa realidade traduziu-se em pactos e legislações que ampliaram poderes de detenção e deportação, mesmo em contextos de estabilidade nos fluxos migratórios e assimetrias claras de tratamento segundo a origem dos deslocados. Como demonstram Abubakar et al. (*Ibidem*), tais políticas materializam-se em práticas que produzem sofrimento,

RESUMO

Artigo reflete sobre como as plataformas digitais se tornaram espaços centrais na produção e difusão de narrativas anti-imigração, articulando afetos, desinformação e lógicas de engajamento que alimentam a polarização política e o avanço da extrema direita. A partir de uma abordagem ensaística e interdisciplinar entre Comunicação e Relações Internacionais, analisa-se a formação de ecossistemas (des)informativos que transformam o medo e o ressentimento em instrumentos de mobilização política. Argumenta-se que o pânico moral em torno da migração é reconfigurado pela plataformação, que converte algoritmos em dispositivos de poder e visibilidade, debilitando a esfera pública e reforçando regimes discursivos racistas e excludentes nas democracias contemporâneas.

Palavras-chave: polarização política, plataformas digitais, desinformação, migração.



ABSTRACT

POLITICAL POLARIZATION, (DIS)INFORMATION, AND ANTI-IMMIGRATION NARRATIVES ON DIGITAL PLATFORMS

This article examines how digital platforms have become key arenas for the production and dissemination of anti-immigration narratives. These narratives intertwine affect, disinformation and engagement logics that fuel political polarisation and the rise of the far right. Taking an interdisciplinary approach that bridges communication and international relations, the study analyses how information ecosystems transform fear and resentment into instruments of political mobilisation. It argues that the moral panic surrounding migration is reshaped by 'platformisation', whereby algorithms become instruments of power, visibility, and symbolic control. Ultimately, these dynamics reconfigure the public sphere and normalise racist and exclusionary discursive regimes in contemporary democracies.

Keywords: political polarization, digital platforms, disinformation, migration.

Quando observadas as dimensões específicas, nota-se que a aceitação de imigrantes da mesma etnia (21,8%), de etnias diferentes (25,2%) e de países pobres fora da Europa (25,9%) é expressivamente inferior às percepções positivas sobre o impacto econômico (52,9%) e o impacto cultural (53,8%) da imigração. Em outras palavras, embora parte significativa da população reconheça benefícios culturais e econômicos, essa percepção não se converte em atitudes efetivamente inclusivas em relação aos imigrantes.

A resistência às pessoas migrantes acentua-se em temas ligados à segurança pública (25,2%), às tradições culturais (29,9%) e ao funcionamento das instituições (31,9%), domínios nos quais predominam representações de ameaça e desconfiança. Esses resultados apontam para uma clivagem estrutural na opinião pública europeia. De um lado, a imigração é percebida como vantajosa em termos culturais e econômicos; de outro, persiste a associação simbólica entre diversidade e perda de identidade, risco e insegurança. Tais dados empíricos reforçam as análises de Helbling e Meierrieks (2022) e Abubakar et al. (2024), ao demonstrarem que o sentimento anti-imigração é susten-

violência e exclusão, constituindo um regime de gestão da mobilidade humana centrado na contenção.

A legitimação dessas políticas está associada a narrativas securitárias que acionam estereótipos racistas e xenófobos históricos para vincular migração e ameaça (Cabecinhas, 2024). Helbling e Meierrieks (2022) sistematizam esse vínculo entre eventos terroristas, atitudes públicas e políticas migratórias, argumentando que a percepção de risco intensifica sentimentos anti-imigração, amplia o apoio a partidos de extrema direita e cria incentivos para que governos adotem políticas migratórias excludentes. Evidências comparativas europeias apontam que a exposição a ataques terroristas, mesmo em países vizinhos, tende a reforçar visões negativas sobre a imigração e legitimar políticas de exceção (*Ibidem*). Nesse contexto, o migrante torna-se um marcador de fronteira moral e política. Deixa de ser apenas um sujeito em deslocamento, portador de diferença cultural, para se tornar um signo da desordem social e da perda de controle estatal e ao mesmo tempo alvo de processos de desumanização.

Dados recentes do European Social Survey (ESS Round 11, 2023) evidenciam o enraizamento social das atitudes restritivas em relação à imigração na Europa. O índice médio geral de aceitação foi de 38,1%, demonstrando baixa aceitação ou rejeição explícita à presença de imi-

tado por imaginários securitários e medos difusos diante da diversidade cultural, elementos que constituem terreno fértil para a instrumentalização política e a disseminação de narrativas populistas e desinformativas acerca da realidade migratória.

Contudo, esse fenômeno não se explica apenas pela perspectiva da esfera política institucional, mas está profundamente enraizado em uma ecologia comunicacional marcada pelas lógicas das plataformas digitais que funcionam como infraestruturas sociotécnicas de visibilidade e coordenação narrativa. Culloty e Suiter (2021) demonstram que a desinformação a partir da qual se produz o sentimento anti-imigração é uma engrenagem central na comunicação populista contemporânea. As lógicas algorítmicas das plataformas, orientadas por métricas de engajamento e visibilidade, favorecem a circulação de conteúdos altamente emocionais, simplistas e polarizadores, como são frequentemente as narrativas anti-imigração, transformando o medo e o ressentimento em capital político. Segundo Miskolci (2021), os ecossistemas digitais têm sido constituído por uma estrutura fértil para a disseminação de pânico moral, teorias da conspiração, reforçando vieses de confirmação e produzindo estruturas de bolha que têm transformado a esfera pública em campos de batalhas morais, estéreis de diálogo e ação comunicativa.

Nesse cenário, o populismo deixa de ser entendido apenas como uma estratégia discursiva e se torna, como propõe Maly (2018), uma relação comunicativa midiaticizada e algorítmica, na qual os líderes populistas e seus seguidores exploram as *affordances* técnicas das plataformas para construir visibilidade, autenticidade e pertencimento. Esse populismo algorítmico redefine as fronteiras da ação política ao articular, simultaneamente, lógica midiática e lógica de plataforma – convertendo o engajamento digital em expressão política, e a retórica da autenticidade, em estratégia de poder.

A articulação entre polarização política, migração e plataformas digitais constitui, portanto, um dos fenômenos centrais da contemporaneidade. Não podemos compreender o sentimento anti-imigração apenas como reação a fluxos migratórios, mas como resultado de processos políticos, sociais e comunicacionais que operam na interseção entre tecnologia, ideologia e subjetividades. O populismo de extrema direita instrumentaliza o tema da imigração para ativar emoções primárias, como medo, raiva e ressentimento, e reforçar identidades nacionais idealizadas, num processo que Zuboff (2019) interpreta como expressão do capitalismo de vigilância e de captura dos afetos como recurso econômico e político. Assim, compreender as políticas migratórias atuais requer ir além da análise normativa ou jurídica: exige investigar os ecossistemas informacionais que moldam a percepção pública, estruturam o debate e legitimam políticas excludentes.

Este artigo, de caráter ensaístico-reflexivo, ancora-se nas Ciências da Comunicação e propõe um contributo às Relações Internacionais ao analisar como as plataformas digitais e suas lógicas de funcionamento influenciam as dinâmicas de radicalização, extremismo e formulação de políticas migratórias. Ao compreender as plataformas

como infraestruturas sociotécnicas que produzem novas formas de poder e visibilidade, busca-se demonstrar que a disputa sobre a migração é também uma disputa por significados, na qual algoritmos, afetos e narrativas se entrelaçam na redefinição dos limites da cidadania e da deliberação pública global.

POLARIZAÇÃO POLÍTICA E ECOSSISTEMAS INFORMACIONAIS EM PLATAFORMAS DIGITAIS

A polarização política vem assumindo relevância para várias democracias e passou a ser um tema de interesse de estudos realizados em diferentes áreas por meio de distintos métodos e objetivos (Guirola, 2021; Scherman et al., 2022; Tucker et al., 2018). Apesar das divergências sobre sua extensão ou manifestação, há consenso de que a polarização resulta da combinação de fenômenos políticos e comunicacionais (Mitchell et al., 2014; Ojala et al., 2021). Nesse sentido, estudiosos como Garimella et al. (2021), Kubin e von Sikorski (2021) e Tucker et al. (2018) acreditam que as plataformas digitais desempenham um papel crucial na polarização política, a qual tem sido compreendida empiricamente como afetiva ou ideológica, vinculada emocionalmente a questões identitárias (Torcal, 2023). Essas dimensões emocionais da polarização estariam relacionadas, ainda, a uma escolha moral e à capacidade dos cidadãos de discutir na esfera pública sobre valores e virtudes a respeito do que é considerado certo ou errado, bom ou ruim.

Fuchs (2022) salienta que diversos autores têm observado que a política tem se distanciado da razão crítica ou da ação comunicativa para ser motivada, inspirada e moldada pelos afetos. Em diálogo com a obra de Massumi (2015), o autor discute como a política estética passou a se definir por uma conexão íntima entre afeto, estética e política, que situa em primeiro plano o caráter coletivo das situações partilhadas. Para compreender o fenômeno, Miskolci (2021) formula a noção de esfera pública tecno-midiatizada para analisar como as redes digitais ampliaram as lógicas de manipulação e polarização políticas já observadas anteriormente na comunicação de massa. O predomínio dos sentidos afetivos e estéticos em detrimento do argumento racional na esfera pública digital explicaria, conforme o autor, o próprio enfraquecimento do papel das instituições (como a justiça, a universidade ou a imprensa) e de profissionais (como advogados, cientistas e jornalistas) que tendem a atuar a partir de procedimentos racionais baseados em normas e regras.

Essa leitura encontra eco nas reflexões de Habermas (2023), para quem as condições estruturais da esfera pública foram novamente transformadas pela ascensão das plataformas digitais e pela lógica da economia de dados. O autor argumenta que a comunicação pública, antes orientada pela racionalidade comunicativa e pela busca de consenso, foi colonizada pelas dinâmicas algorítmicas e mercadológicas das *big techs*, que redefinem a visibilidade política com base em critérios de engajamento e performatividade. Assim, a deliberação cede espaço à comunicação estratégica e emocional,

enquanto o ideal de uma esfera pública inclusiva e racional é substituído por múltiplas arenas de expressão afetiva e polarizada. Habermas (*Ibidem*) descreve esse processo como uma nova mudança estrutural da esfera pública, em que a mediatização e a plataformação da vida social corroem as bases normativas da política deliberativa e comprometem a função emancipatória da comunicação.

A leitura de Han (2018, 2022) aprofunda o diagnóstico habermasiano ao conceber as plataformas digitais como ecossistemas informacionais autorreferenciais, estruturados por lógicas de visibilidade, vigilância e desempenho. Han (2022) argumenta que a digitalização instaura um regime de poder difuso, que não se impõe pela coerção ou censura, mas pela saturação informacional e pela transparência compulsória, dissolvendo a capacidade crítica dos sujeitos em meio a um fluxo contínuo de dados e opiniões. Nesse regime, a liberdade de expressão é confundida com hipercomunicação, e a deliberação racional é substituída pela performatividade algorítmica do engajamento. Já em *The expulsion of the other*, Han (2018) afirma que essa hipercomunicação digital elimina o espaço da alteridade: o sujeito é constantemente espelhado por conteúdos que reforçam sua própria identidade, levando à homogeneização perceptiva e ao fechamento cognitivo. A esfera pública, portanto, deixa de funcionar como arena de troca simbólica e se transforma em um ambiente de autoafirmação afetiva, no qual a diferença é percebida como ameaça e o conflito é absorvido por dinâmicas emocionais e morais.

Essa arquitetura comunicacional cria as condições para o que Maly (2018) denomina populismo algorítmico, um tipo de relação política mediatizada em que as plataformas digitais atuam como mediadoras da

comunicação entre líderes populistas e o público. Nesse modelo, a visibilidade política é produzida pela otimização algorítmica do engajamento, e não pela relevância discursiva ou factual do conteúdo.

Os algoritmos, ao amplificar mensagens polarizadoras e emocionalmente carregadas, convertem o espaço público em um mercado de afetos, no qual a indignação e o medo funcionam como principais vetores de circulação. O populismo, nesse sentido, além de retórica, é tecnologia de mediação, uma gramática comunicacional sustentada por métricas e dados, que reconfigura a própria noção de cidadania.

Essas dinâmicas têm efeitos diretos sobre a formação das percepções públicas acerca da imigração e da diversidade. Em seu estudo sobre a desinformação anti-imigração, Culloty e Suiter (2021) evidenciam que narrativas hostis a imigrantes se consolidam em plataformas digitais por meio da repetição afetiva de quadros morais e securitários, que associam migrantes a ameaças econômicas e culturais e a riscos à segurança. Tais discursos operam de forma descentralizada e adaptativa, moldando-se às *affordances* das plataformas e utilizando estratégias de visualização emocional como memes, vídeos

O POPULISMO, NESSE SENTIDO, ALÉM DE RETÓRICA, É TECNOLOGIA DE MEDIAÇÃO, UMA GRAMÁTICA COMUNICACIONAL SUSTENTADA POR MÉTRICAS E DADOS, QUE RECONFIGURA A PRÓPRIA NOÇÃO DE CIDADANIA.

curtos, hashtags polarizadoras, que estimulam respostas viscerais de medo e repulsa. Esse processo, segundo os autores, revela a interdependência entre desinformação e populismo algorítmico, uma vez que o sucesso comunicacional dessas narrativas depende da lógica algorítmica de recompensa ao engajamento afetivo, e não da veracidade do conteúdo.

No contexto europeu, Zanetti et al. (2025) analisam empiricamente como os ativistas anti-imigração exploram esse ambiente para difundir narrativas racializadas e colonialmente estruturadas, apresentando a imigração como uma «invasão cultural» ou «substituição populacional». Tais narrativas se beneficiam do caráter transnacional das plataformas e da convergência entre grupos populistas, movimentos identitários e influenciadores digitais, que constroem comunidades de sentido em torno de um imaginário de pureza, pertencimento e defesa da civilização ocidental. De modo convergente, Abubakar et al. (2024) observam que o endurecimento das políticas migratórias europeias reflete e legitima esse clima discursivo, ao normalizar práticas de exclusão e securitização sob o pretexto de «proteção das fronteiras». A articulação entre narrativas digitais, emoção pública e formulação política revela, assim, que a desinformação não apenas distorce percepções, mas produz realidades normativas, influenciando políticas estatais e percepções coletivas.

Esses elementos configuram o que Han (2022) descreve como ecossistemas de comunicação fechados, nos quais a economia da atenção e o populismo algorítmico convergem para sustentar uma esfera pública digital fragmentada e emocionalmente radicalizada. A polarização política passa a ser vista como o próprio modo de funcionamento das plataformas, ou seja, um processo técnico e afetivo que transforma a alteridade em ameaça e o engajamento em instrumento de poder.

Miskolci (2021) observa que a dimensão essencialmente emocional que demarca a esfera pública tecno-midiática pode ser evidenciada nas diferentes estratégias adotadas pelos grupos de interesse e utilizadas para catalisar a indignação popular através da produção do pânico moral, da disseminação de *fake news* e desinformação e da defesa de pautas negacionistas. Soma-se a isso a lógica da economia da atenção vigente nas redes digitais em que os usuários são reconhecidos por sua capacidade de atrair seguidores e reações às suas postagens (*Ibidem*).

Nessa perspectiva, o modelo de negócios privado e sem regulação social operado pelas *big techs* tem provocado questionamentos sobre o próprio potencial de uso democrático e progressista da internet (Morozov, 2018). Em abordagem acerca dos estudos sobre plataformas digitais, Poell et al. (2020) observam que as tradições de pesquisa nessa área têm concebido as plataformas e a plataformização principalmente em termos institucionais, como infraestrutura de dados, mercados e formas de governança. Os autores enfatizam, assim, que tem sido notável «a ausência de análises de como as plataformas transformam práticas culturais e vice-versa, como as práticas em evolução transformam plataformas como construções sociotécnicas específicas» (*Ibidem*, p. 5).

Relembrem, ainda, que essas transformações não deixaram de ser estudadas amplamente por pesquisadores filiados aos estudos culturais, que têm buscado a compreensão desse processo mesmo sem utilizarem a noção conceitual de plataforma.

Os processos eleitorais brasileiros de 2018 e 2022 exemplificam como o modelo de negócio das plataformas digitais, baseado na lógica algorítmica de engajamento, amplifica a polarização política e sustenta ecossistemas de desinformação. Conforme observa Bülow (2023), o pleito de 2022 consolidou um ambiente digital mais fragmentado e opaco, no qual novas plataformas, como TikTok e Telegram, ampliaram a circulação de conteúdos extremistas e dificultaram o monitoramento institucional. A atuação do Tribunal Superior Eleitoral brasileiro ocorreu de forma desarticulada, com acordos firmados individualmente com empresas de tecnologia, o que impossibilitou respostas coordenadas diante da circulação multiplataforma de desinformação e ataques às instituições democráticas. Vídeos e mensagens com narrativas de ódio, teorias conspiratórias e deslegitimação das urnas eletrônicas circularam de modo orquestrado entre YouTube, WhatsApp e Telegram, explorando a ausência de transparência algorítmica e a economia da atenção. Segundo Avritzer et al. (2023), o fenômeno integrou um sistema profissionalizado de produção e disseminação de desinformação vinculado a estruturas estatais e privadas, inclusive com envolvimento de militares, influenciadores digitais e igrejas neopentecostais. Estudos anteriores já haviam identificado, em 2018, o uso do WhatsApp como infraestrutura de propaganda computacional – com narrativas de medo e teorias como a «venezuelização do Brasil» mobilizando afetos antidemocráticos (Chagas et al., 2019; Ozawa et al., 2023).

MIGRAÇÕES, PÂNICO MORAL E EXTREMA DIREITA

A literatura sobre mídia e migração possui uma vasta tradição em evidenciar os vínculos entre a mobilização de emoções e a produção do medo frente ao migrante. Anteriormente à expansão da cultura digital, estudos como o de van Dijk (1988), Nash (2005), Albert Guardiola et al. (2010) já analisavam como a construção do imaginário sobre o migrante era realizada por meio de narrativas que associam a população migrante às ameaças sociais, econômicas e culturais, à delinquência e à ilegalidade. Trata-se de discursos que constroem o migrante como o outro, o bárbaro, o estrangeiro, o inimigo, a ameaça (Kristeva, 2007; Levi, 1998; Todorov, 1999), com o intuito político e social de instaurar o medo ou pânico moral entre setores sociais e eleitorais.

Conceito-chave para entender as narrativas usadas por líderes de extrema direita para criar medos e divisões na sociedade, o pânico moral pode ser definido como a reação de um grupo de pessoas a partir da falsa percepção de que o comportamento de determinado grupo, geralmente uma minoria, é perigoso e representa uma ameaça para a sociedade (Cohen, 2011). O conceito de pânico moral tem orientado diversos estudos sobre migração e suas relações com os campos político, social e midiático (Bauman, 2017). Como fontes recorrentes de pânico, os migrantes têm sido frequentemente

representados nas mídias por meio de discursos e imagens que os associam a problemas sociais, estereótipos negativos e narrativas de desastres, colaborando para legitimar agendas extremistas de policiamento, de fronteiras e de exclusão (Adjekum & Joseph, 2023; Chouliaraki & Georgiou, 2022; Sacramento & Santos, 2020; van Dijk, 1988).

Estudiosos da teoria do pânico moral destacam que a fragmentação e a multiplicação dos sistemas midiáticos – acentuadas pela ascensão das mídias sociais e plataformas digitais – ampliaram e diversificaram o acesso à informação e à construção do debate público (Hier, 2019). Estudos recentes abordam como as transformações tecnológicas e o impacto das redes sociais digitais afetaram também a produção do pânico moral em torno da migração (*Ibidem*; Walsh & Hill, 2023), bem como indicam a necessidade de novos estudos que explorem tanto a contestação da retórica do medo nas redes digitais quanto a capacidade de articulação de outras narrativas por parte de atores que se situam à margem do sistema, tais como os migrantes (Jaramillo-Dent et al., 2022; Machado, 2004; Sacramento & Santos, 2020).

A ascensão da extrema direita global exemplifica como o pânico moral passou a ser um recurso político estruturado, instrumentalizado por atores que compreendem a

A ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA GLOBAL
EXEMPLIFICA COMO O PÂNICO MORAL PASSOU
A SER UM RECURSO POLÍTICO ESTRUTURADO,
INSTRUMENTALIZADO POR ATORES QUE
COMPREENDEM A CENTRALIDADE
DAS PLATAFORMAS DIGITAIS NA MODELAGEM
DAS EMOÇÕES COLETIVAS.

centralidade das plataformas digitais na modelagem das emoções coletivas. Como observam Culloty e Suiter (2021), o medo e a hostilidade frente aos migrantes são produzidos estrategicamente por ecossistemas de desinformação que exploram o engajamento emocional por meio de representações sociais e estereótipos arraigados na cultura como vetor de visibilidade. Nessas

redes, a desinformação anti-imigração opera como um modo de governo afetivo, sustentado por narrativas de ameaça e declínio moral que associam migração a criminalidade, a desordem e o terrorismo, como exemplificam as teorias conspiracionistas de «substituição populacional» (Zanetti et al., 2025). Trata-se de uma forma de gestão da atenção e do afeto, em que a desinformação reforça identidades nacionais exclusivistas e oferece aos cidadãos um alvo simbólico para o ressentimento social.

Essa instrumentalização do medo adquire nova camada com o que Walsh e Hill (2023) denominam «plataformização do pânico moral», processo no qual as redes sociais digitais reconfiguram a lógica clássica do pânico descrita por Cohen (2011). Ao invés de um ciclo episódico impulsionado por meios tradicionais, o pânico moral contemporâneo é algorítmico, participativo e automatizado (Walsh & Hill, 2023), articulando atores humanos e não humanos, como usuários, bots, influenciadores e políticos, em ecossistemas digitais híbridos. No caso canadense analisado pelos autores, conteúdos anti-imigração e xenófobos circularam em múltiplas plataformas com grande velocidade, transformando a figura do migrante em um «símbolo moral móvel», constantemente

ressignificado conforme as demandas políticas do momento. Esse mecanismo produz um pânico distribuído, descentralizado e contínuo, que transforma a alteridade em um dispositivo de coesão para identidades ameaçadas.

Nos Estados Unidos e na Europa, um fenômeno semelhante tem sido observado por Hout e Maggio (2021), que identificam na imigração o eixo mais polarizador da política contemporânea. Os autores argumentam que o tema funciona como catalisador de divisões partidárias e raciais, transformando diferenças de opinião em antagonismos morais absolutos. Essa polarização é intensificada por estratégias de comunicação populistas, nas quais líderes de direita redefinem as fronteiras morais da comunidade nacional, apresentando os migrantes como inimigos culturais e responsáveis por crises econômicas e sociais. Assim, a culpabilização do outro, especialmente de migrantes e refugiados, funciona como válvula de escape simbólica para frustrações materiais e identitárias, convertendo o medo em recurso eleitoral.

No ambiente das plataformas, os usuários tornam-se simultaneamente receptores e emissores de conteúdo, influenciando a formação das narrativas públicas, criando senso de coletividade, grupos e comunidades virtuais que frequentemente são radicalizadas e instrumentalizadas (Gerbaudo, 2018). Esse potencial comunicativo tem sido explorado por governos e movimentos de extrema direita que, por meio de estratégias digitais e do uso de agentes automatizados, manipulam fluxos de informação e moldam percepções sociais em torno de temas sensíveis, como a imigração (Ozawa et al., 2023; Walsh & Hill, 2023). As dinâmicas algorítmicas das plataformas, baseadas em curtidas, compartilhamentos, hashtags e menções, favorecem a agregação de grupos dispersos e a amplificação de discursos populistas, que se expandem pela lógica da visibilidade e do engajamento (Gerbaudo, 2018; Ozawa et al., 2023).

As consequências políticas da instrumentalização do pânico moral retornam em políticas de migração desumanizadoras e violentas. Como argumentam Abubakar et al. (2024), a União Europeia tem consolidado um regime de dissuasão e externalização de fronteiras que reproduz o imaginário de ameaça sustentado pelos discursos populistas e securitários. Essa orientação tem resultado na intensificação das mortes no Mediterrâneo, na criminalização das operações de resgate e na institucionalização de condições degradantes para pessoas em mobilidade. Ao invés de garantir proteção e dignidade, as políticas atuais têm reforçado uma trajetória marcada pelo abandono, pelo desespero e pela destituição, reflexo de um modelo que transforma o sofrimento humano em instrumento de gestão e dissuasão. Embora os autores não abordem diretamente a dimensão digital, a análise converge com a reflexão sobre a circulação de narrativas anti-imigração nas plataformas, ao demonstrar como o medo social e a desinformação são incorporados à própria governança das migrações. Assim, o que se inicia como pânico moral e polarização política converte-se, no âmbito estatal, em infraestruturas de exclusão e contenção, evidenciando a continuidade entre o discurso e a prática institucional.

Esta dinâmica não existiria sem a apropriação simbólica da figura do migrante, o que reflete a crise contemporânea da voz descrita por Couldry (2010). No contexto neoliberal, o direito à voz é reivindicado como valor democrático, mas sua efetividade é corroída pela captura política possibilitada pela dinâmica comunicacional praticada pelas *big techs* via algoritmos, que modulam a visibilidade segundo interesses privados. Essa lógica é reforçada pelo regime psicopolítico de que fala Han (2014), no qual a liberdade de expressão é reconfigurada em mecanismo de controle e autoexploração. A comunicação, nesse sentido, torna-se um dispositivo de poder que transforma o falar em performance e o dissenso em ruído. É nesse cenário em que se deve perceber o paradoxo entre a «voz do migrante» e sua «hipervisibilidade digital», fenômeno em que as experiências migratórias são amplificadas como espetáculo e usadas politicamente para sustentar discursos de ameaça e exclusão, enquanto a própria agência dos sujeitos migrantes permanece silenciada.

Assim, não é exagero afirmar que a extrema direita contemporânea tem convertido o pânico moral em tecnologia política e emocional de poder. Ao associar a imigração a

AO ASSOCIAR A IMIGRAÇÃO A AMEAÇAS EXISTENCIAIS, ESSES GRUPOS PRODUZEM UM REGIME AFETIVO BASEADO NO MEDO E NA INDIGNAÇÃO, NO QUAL A FIGURA DO MIGRANTE OPERA COMO BODE EXPIATÓRIO DAS CRISES ESTRUTURAIS DO CAPITALISMO GLOBAL.

ameaças existenciais, esses grupos produzem um regime afetivo baseado no medo e na indignação, no qual a figura do migrante opera como bode expiatório das crises estruturais do capitalismo global como o desemprego, a desigualdade e a sensação difusa de perda de soberania. Essa instrumentalização do medo desloca responsabi-

lidades sistêmicas para corpos racializados e deslocados, reforçando fronteiras simbólicas entre «nós» e «eles». O medo do outro torna-se, assim, o eixo central da disputa política e dispositivo de engajamento, fidelização e mobilização social, capaz de converter ressentimento em capital político e alimentar a polarização que sustenta o projeto autoritário das direitas radicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da desinformação anti-imigração nas plataformas digitais nos diferentes contextos deixa claro que não se trata apenas de um problema comunicacional, mas de uma estratégia política global que atravessa fronteiras e contextos nacionais. Da Europa aos Estados Unidos e à América Latina, atores da extrema direita vêm produzindo, disseminando e instrumentalizando narrativas falsas ou distorcidas sobre a imigração com o objetivo de mobilizar afetos negativos, polarizar por meio do discurso «nós» e «eles», consolidar narrativas excludentes e legitimar políticas de contenção e violência institucional. Como demonstram Culloty e Suiter (2021) e Walsh e Hill (2023), essas narrativas se disseminam no centro de uma nova economia política da atenção, na qual o medo e o ressentimento são transformados em capital comunicacional e

político. Assim, a desinformação cumpre uma dupla função: de um lado, desumaniza os migrantes ao enquadrá-los como ameaça econômica, cultural ou moral; de outro, fortalece um imaginário populista de «defesa da nação», que converte o medo do outro em forma de coesão e lealdade política. Trata-se, portanto, de uma tecnologia emocional do poder, que estrutura e orienta práticas eleitorais, políticas públicas e regimes de percepção coletiva.

A sustentação desse processo depende, em larga medida, da lógica algorítmica das plataformas digitais, que favorece a polarização política e o fechamento das esferas de deliberação, produzindo polarização política e bolhas extremistas. Como argumentam Han (2018, 2022) e Maly (2018), os ecossistemas digitais contemporâneos operam segundo uma racionalidade técnica e econômica orientada pelo engajamento, uma forma de poder que se exerce pela visibilidade e pela repetição, e não pelo consenso racional. Essa estrutura transforma a esfera pública em um ambiente autorreferencial, em que sujeitos interagem principalmente com conteúdos que confirmam suas crenças, alimentando o que Han denomina a «expulsão do outro». O resultado é um regime informacional pouco reflexivo, caracterizado pela circulação incessante de opiniões, afetos e discursos de ódio, que dissolvem as fronteiras entre verdade e verosimilhança, criando percepções midiaticizadas. O populismo algorítmico, nesse contexto, torna-se uma força estruturante da política contemporânea, pois explora a arquitetura das plataformas para converter a polarização em engajamento e o engajamento em legitimidade. Essa engrenagem comunica a lógica de performance e visibilidade ao campo político, reforçando o extremismo e corroendo as bases discursivas da democracia deliberativa.

A complexidade desse fenômeno exige uma abordagem teórica e metodológica que ultrapasse as fronteiras disciplinares. A compreensão das relações entre política, tecnologia e migração evoca o diálogo íntimo entre Comunicação, Relações Internacionais e Ciência Política, pois envolve tanto infraestruturas de dados e regimes de visibilidade quanto práticas discursivas e arranjos institucionais. Enquanto a Comunicação permite compreender os modos de circulação simbólica e as dinâmicas afetivas das plataformas, as Relações Internacionais evidenciam o papel das políticas de fronteira, da governança global e da securitização dos fluxos migratórios; já a Ciência Política oferece ferramentas para analisar a captura institucional do medo e sua tradução em normas, leis e políticas de exclusão. Essa interdisciplinaridade é essencial para entender como a política midiaticizada e os ecossistemas digitais configuram novas formas de poder e controle, nas quais o destino das migrações transnacionais se decide não apenas nas fronteiras físicas, mas também nas fronteiras informacionais do debate público global.

Diante dessa realidade, não é possível se furtar a refletir sobre estratégias de enfrentamento que restituam à comunicação digital seu potencial democrático. O desafio contemporâneo reside, portanto, em regulamentar as plataformas digitais para enfrentar ecossistemas digitais de desinformação sem comprometer a liberdade de expressão, mas garantindo transparência e responsabilidade. Isso implica critérios claros de mode-

ração e responsabilização de agentes de desinformação, bem como o fortalecimento de mecanismos públicos de governança sobre as plataformas. A transparência algorítmica, o investimento em educação midiática e a promoção de jornalismo público e comunitário são caminhos possíveis para reconfigurar a esfera pública digital como espaço de alteridade e reflexão. Como sugerem Abubakar et al. (2024), a reconstrução democrática passa por reverter a trajetória de morte, desespero e destituição que hoje marca tanto as políticas migratórias quanto a paisagem informacional global. Reafirmar o direito à informação de qualidade e à diferença não é apenas uma questão de ética comunicacional, mas de sobrevivência da própria democracia.

Assim, o enfrentamento da desinformação anti-imigração e da polarização política exige compreender as plataformas não apenas como meios técnicos, mas como instituições políticas centrais do século XXI, cujas dinâmicas moldam afetos, percepções e políticas de vida e morte. O desafio é, portanto, reconstruir as condições comunicacionais para que o dissenso, a escuta e a pluralidade voltem a ter lugar na esfera pública, condição necessária para a revitalização da democracia em uma era de plataformas, migrações e narrativas de medo. **Rel**

Data de recepção: 30 de setembro de 2025 | Data de aprovação: 22 de outubro de 2025

Lucas Arantes Zanetti Investigador de pós-doutoramento na Escola Superior de Propaganda e Marketing, ESPM (São Paulo, Brasil), com bolsa do CNPq. Doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), é membro do grupo de

pesquisa Deslocar – Interculturalidade, Cidadania, Comunicação e Consumo.

> ESPM, Rua Dr. Álvaro Alvim, 123. Vila Mariana – São Paulo, Brasil | lucaszanetti66@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-2019-8061>

Denise Cogo Investigadora de Produtividade IC do CNPq e investigadora associada do InCom-UAB. Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing, ESPM (São Paulo, Brasil), é coordenadora do grupo de pesquisa Deslocar –

Interculturalidade, Cidadania, Comunicação e Consumo.

> ESPM, Rua Dr. Álvaro Alvim, 123. Vila Mariana – São Paulo, Brasil | denise.cogo@espm.br | <https://orcid.org/0000-0003-4544-7335>

Júlia Faria Camargo Professora do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima, UFRR (Boa Vista, Brasil). Doutora em Comunicação pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e membro do grupo de pesquisa Deslocar – Interculturalidade, Cidadania, Comunicação e Consumo.

> UFRR, Avenida Capitão Ene Garcez, 2413, Bairro Aeroporto, Boa Vista, 69310-000 Roraima, Brasil | julia.camargo@ufr.br | <https://orcid.org/0000-0001-9068-3033>

NOTAS

1 Esse texto contém reflexões resultantes dos projetos de pesquisa «Brasileiros em Portugal e ativismo anti-imigração: dinâmicas comunicacionais em plataformas digitais», financiado pelo CNPq (processo n.º 176992/2023-5), e «Ativismo anti-imigração em plataformas digitais em apoio a políticas de extrema direita e anti-imigração», financiado pelo CNPq (processo n.º 403377/2024-2) e FAPESP (processo n.º 2024/20729-0), ambos desenvolvidos no PPGCOM ESPM.

2 Refere-se a um nacionalismo de cunho demográfico em que a rejeição ao estrangeiro se fundamenta na concepção de que os não nativos de uma nação, sejam ideais ou pessoas, são ameaças fundamentais à homogeneidade do Estado.

BIBLIOGRAFIA

- Abubakar, I., Langella, R., & Meda, N. (2024). Europe's anti-migration policies: The need to reverse a trajectory towards death, despair, and destitution. *The Lancet*, 403(10443), 2465-2467. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(24\)00922-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(24)00922-X)
- Adjekum, S. A., & Joseph, A. J. (2023). Violence by any other name: Constructing immigration crises, the threat of the sick refugee and rationalising immigration detention through moral panic. *Critical and Radical Social Work*, 11(1), 42-62. <https://doi.org/10.1332/204986021X16355210292075>
- Albert Guardiola, M., Espinar Ruiz, E., & Hernández Sánchez, M. (2010). Los inmigrantes como amenaza: Procesos migratorios en la televisión española. *Convergencia*, 17(53), 49-68. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-14352010000200003
- Avritzer, L., Santana, E., & Bragatto, R. (Eds.). (2023). *Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil*. Autêntica Editora.
- Bauman, Z. (2017). *Strangers at our door*. Polity Press.
- Bülöw, M. V. (2023). Eleições 2022 nas redes sociais: Notícias falsas e muito mais. In L. Avritzer, E. Santana, & R. Bragatto (Eds.), *Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil* (pp. 91-97). Autêntica Editora.
- Cabecinhas, R. (2024). Migrations, media, mnemonic activisms and anti-racist struggles. In I. Macedo, T. Oliveira, & M. de L. Martins (Eds.), *Existir e resistir na sociedade contemporânea: Contributos para o debate sobre comunicação e cultura* (pp. 31-50). Húmus. <https://hdl.handle.net/1822/96223>
- Campani, G., Fabelo Concepción, S., Rodriguez Soler, A., & Sánchez Savín, C. (2022). The rise of Donald Trump right-wing populism in the United States: Middle American radicalism and anti-immigration discourse. *Societies*, 12(6), 154. <https://doi.org/10.3390/soc12060154>
- Chagas, V., Modesto, M., & Magalhães, D. (2019). O Brasil vai virar Venezuela: Medo, memes e enquadramentos emocionais no WhatsApp pró-Bolsonaro. *Esferas*, 14, 1-17. <https://doi.org/10.31501/esf.v0i14.10374>
- Chouliaraki, L., & Georgiou, M. (2022). *The digital border: Migration, technology, power*. New York University Press.
- Cohen, S. (2011). *Folk devils and moral panics* (3.ª ed.). Routledge.
- Couldry, N. (2010). *Why voice matters: Culture and politics after neoliberalism*. Sage Publications.
- Culloty, E., & Suiter, J. (2021). Anti-immigration disinformation. In H. Tumber & S. Waisbord (Eds.), *The Routledge companion to media disinformation and populism* (pp. 221-230). Routledge.
- European Social Survey European Research Infrastructure (ESS ERIC). (2023). *ESS10 - Integrated file, edition 3.2* [Data set]. Sikt - Norwegian Agency for Shared Services in Education and Research. https://doi.org/10.21338/ess10e03_2
- Fuchs, M. (2022). Sintonizado em quê? O assustador renascimento da estetização da política. *Revista Libero*, 25(52), 17-26.
- Garimella, K., Smith, T., Weiss, R., & West, R. (2021). Political polarization in online news consumption. *Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media*, 15(1), 152-162. <https://doi.org/10.1609/icwsm.v15i1.18049>
- Gerbaudo, P. (2018). Social media and populism: An elective affinity? *Media, Culture & Society*, 40(5), 745-753. <https://doi.org/10.1177/0163443718772192>
- Guirola, L. (2021). *Does political polarization affect economic expectations? Evidence from three decades of cabinet shifts in Europe* (Banco de España Working Paper No. 2133). SSRN. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3918380
- Habermas, J. (2023). *A new structural transformation of the public sphere and deliberative politics*. John Wiley & Sons.
- Han, B. C. (2014). *Psicopolítica: Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Herder Editorial.
- Han, B.-C. (2018). *The expulsion of the other*. Polity Press.
- Han, B.-C. (2022). *Infocracy: Digitization and the crisis of democracy*. Polity Press.
- Helbling, M., & Meierrieks, D. (2022). Terrorism and migration: An overview. *British Journal of Political Science*, 52(2), 977-996. <https://doi.org/10.1017/S0007123420000587>
- Hier, S. P. (2019). Moral panics and digital-media logic: Notes on a changing research agenda. *Crime, Media, Culture*, 15(2), 379-388. <https://doi.org/10.1177/1741659018780183>
- Hout, M., & Maggio, C. J. (2021). Immigration, race, & political polarization. *Daedalus*, 150(2), 40-55. https://doi.org/10.1162/daed_a_01845
- Jaramillo-Dent, D., Alencar, A., & Asadchy, Y. (2022). #Migrantes on TikTok: Exploring platformed belongings. *International Journal of Communication*, 16, 5578-5602. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17435>
- Kristeva, J. (2007). *Strangers to ourselves*. Columbia University Press.
- Kubin, E., & von Sikorski, C. (2021). The role of (social) media in political polarization: A systematic review. *Annals of the International Communication Association*, 45(3), 188-206. <https://doi.org/10.1080/23808985.2021.1976070>
- Levi, P. (1998). *The drowned and the saved*. Vintage.
- Machado, C. (2004). Pânico moral: Para uma revisão do conceito. *Interações*, 7, 60-80.

- <https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/125>
- Maly, I. (2018). *Populism as a mediatized communicative relation: The birth of algorithmic populism* (Tilburg Papers in Culture Studies No. 213). Tilburg University. <https://research.tilburguniversity.edu/en/publications/populism-as-a-mediatized-communicative-relation-the-birth-of-algo>
- Massumi, B. (2015). *Politics of affect*. Polity Press.
- Miskolci, R. (2021). *Batalhas morais: Política identitária na esfera pública técnico-midiatizadora*. Autêntica Editora.
- Mitchell, A., Gottfried, J., Kiley, J., & Matsa, K. E. (2014). *Political polarization and media habits*. Pew Research Center. <https://www.pewresearch.org/journalism/2014/10/21/political-polarization-media-habits/>
- Morozov, E. (2018). *Big tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. Ubu Editora.
- Nash, M. (2005). *Inmigrantes en nuestro espejo: Inmigración y discurso periodístico en la prensa española*. Icaria Editorial.
- Otala, M., Kurtic, G., Grasso, I., Liu, Y., Matthews, J., & Madrakı, G. (2021, abril). Political polarization and platform migration: A study of Parler and Twitter usage by United States of America congress members. In *Companion Proceedings of the Web Conference 2021* (pp. 224-231). ACM. <https://doi.org/10.1145/3442442.3452305>
- Ozawa, J. V. S., Woolley, S. C., Straubhaar, J., Riedl, M. J., Joseff, K., & Gursky, J. (2023). How disinformation on WhatsApp went from campaign weapon to governmental propaganda in Brazil. *Social Media + Society*, 9(1). <https://doi.org/10.1177/20563051231160632>
- Poell, T., Nieborg, D., & van Dijk, J. (2020). Plataformização. *Fronteiras – Estudos Midiáticos*, 22(1), 2-10. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>
- Sacramento, I., & Santos, A. (2020). A revisão da noção de pânico moral nos Estudos Culturais: Hegemonia, cultura midiática e representação. *Revista Parágrafo*, 7(1), 31-47.
- Scherman, A., Valenzuela, S., Catalán-Moyano, A., & Halpern, D. (2022). WhatsApp, polarization, and non-conventional political participation: Chile and Colombia before the social outbursts of 2019. *Media and Communication*, 10(4), 77-93. <https://doi.org/10.17645/mac.v10i4.5817>
- Todorov, T. (1999). *The conquest of America: The question of the other*. University of Oklahoma Press.
- Torcal, M. (2023). *De votantes a hooligans: La polarización política en España*. Catarata.
- Tucker, J. A., Guess, A., Barberá, P., Vaccari, C., Siegel, A., Sanovich, S., Stukal, D., & Nyhan, B. (2018). *Social media, political polarization, and political disinformation: A review of the scientific literature*. SSRN. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3144139>
- van Dijk, T. A. (1988). Semantics of a press panic: The Tamil «invasion». *European Journal of Communication*, 3(2), 167-187. <https://doi.org/10.1177/0267323188003002004>
- Walsh, J. P., & Hill, D. (2023). Social media, migration and the platformization of moral panic: Evidence from Canada. *Convergence*, 29(3), 690-712.
- Zanetti, L. A., Cogo, D., & Kraus Luvizotto, C. (2025). Ativismo anti-imigração em Portugal e dinâmicas de comunicação em plataformas digitais. *Cuadernos.Info*, 61, 304-328. <https://doi.org/10.7764/cdi.61.86968>
- Zuboff, S. (2019). *The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. PublicAffairs.